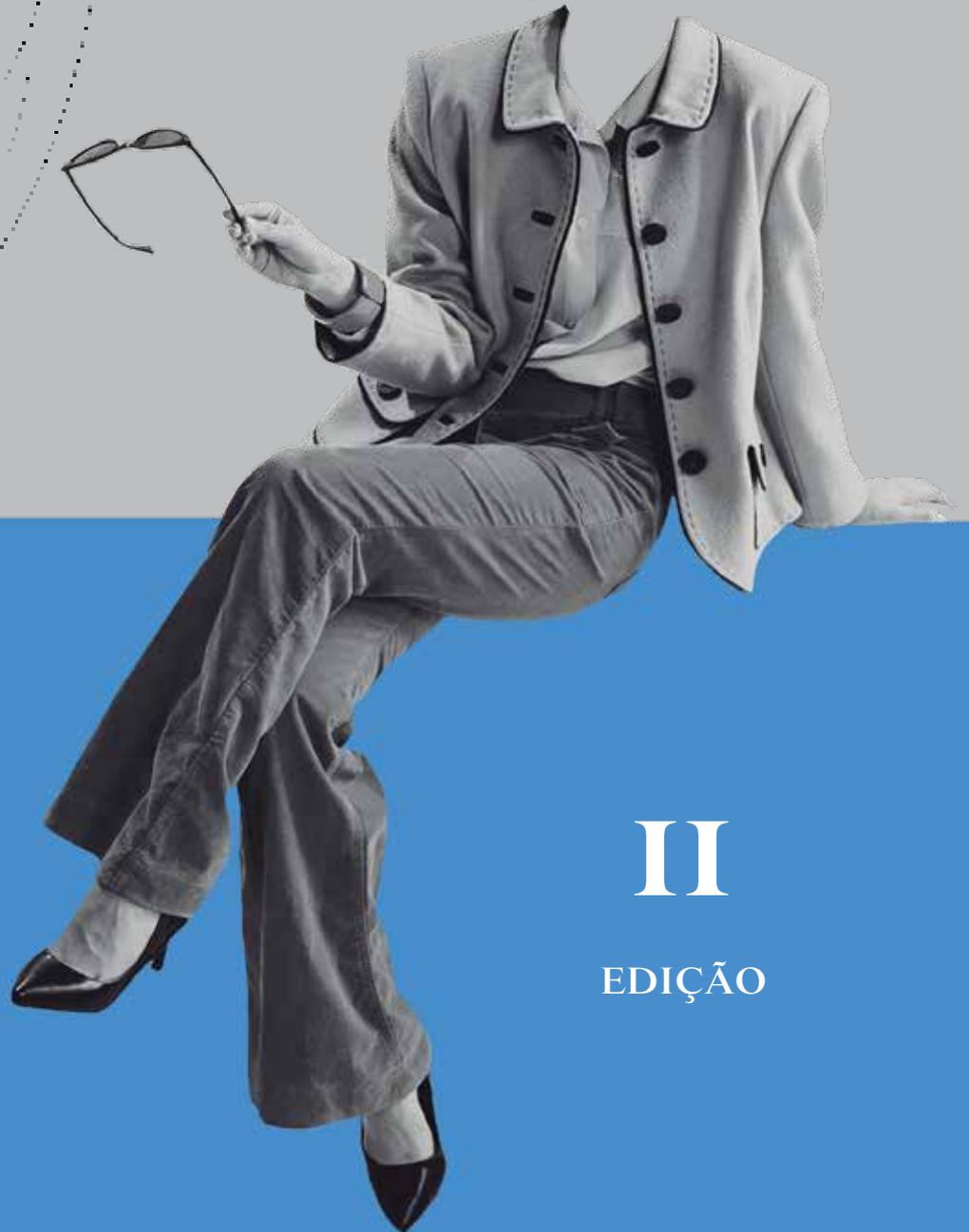


MUSEOLOGIA

EM FOCO

V.1, N.11 - MAR. 2025

#1 ENTREVISTA COM
MUSEOLÓGO(A)



II

EDIÇÃO

REVISTA DO CONSELHO REGIONAL DE MUSEOLOGIA
5ª REGIÃO PR/SC

© 2025 Corem 5R

MUSEOLOGIA EM FOCO

Revista do Conselho Regional de Museologia 5ª Região PR/SC

DIRETORIA EXECUTIVA (Gestão 2022-2025)

Presidente
Franciele Maziero

Vice-presidente
João Paulo Corrêa

Secretária
Denize Gonzaga

Tesoureira
Fernanda Cheffer Moreira

Conselheiros(as) titulares
Denize Gonzaga
Fernanda Cheffer Moreira
Franciele Maziero
João Paulo Corrêa
Marcella Monteiro Borel
Leticia Oracilda Acosta Porto

Conselheiro suplente
Luan da Rosa Pacheco

EXPEDIENTE

Edição
COREM 5ª REGIÃO PR/SC

Coordenação
Franciele Maziero - presidente

Projeto gráfico e diagramação
Denize Gonzaga

Edição e revisão textual da entrevista
Denize Gonzaga

Concepção de capa
Denize Gonzaga

Transcrição da entrevista e ISSN
Fernanda Cheffer

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Elaborado pelo Bibliotecário Douglas Lenon da Silva (CRB-1/3655)

M986 Museologia em foco: revista do Conselho Regional de Museologia 5ª região PR/SC [Recurso eletrônico] / Conselho Regional de Museologia 5ª região (COREM5R), v. 1, n. 2 (Entrevista com museólogo(a)) - Florianópolis, SC: COREM5R, 2025-.

Mensal

ISSN: 3085-8623

1. Museologia. 2. Museus. 3. Museus - Periódicos. I. COREM5R.

CDU 069

COREM 5R - AV. MAURO RAMOS, 1344 - FUNDOS - CEP 88020-320 - FLORIANÓPOLIS/SC

As falas dos entrevistados são de sua inteira responsabilidade.

Apresentação

A Lei Federal nº 7.287/1984, que regulamenta a profissão de Museólogo no Brasil, completou 40 anos no dia 18 de dezembro de 2024, data na qual também se comemora o Dia do Museólogo. Nesse sentido, foi um ano mais que especial para todos os profissionais de Museologia do país e, sobretudo, para aqueles, aquelas e aqueles que lutam pela profissionalização dos museus, pelos espaços de memória e, principalmente, pela valorização da profissão.

Em comemoração a esses 40 anos, o COREM 5R realizou o projeto “Live com Museólogo”, por meio do qual foram entrevistados, pelo Instagram, diversos museólogos(as) registrados e atuantes. Ao todo, foram feitas 10 entrevistas em formato de lives, que foram transcritas, reunidas nesta publicação e serão publicadas ao longo de 2025. As conversas foram realizadas com museólogos de diferentes campos da Museologia, da Gestão Estratégica à Comunicação Museológica, passando pelo olhar educativo dos museus e o seu papel como instituições de pesquisa e ciência.

Mais do que um aporte técnico e institucional, esta revista tem como principal objetivo disseminar o conhecimento e a atuação dos nossos registrados nos diversos museus de nossa jurisdição. Nosso intuito é dar acesso a informações sobre o campo, tornando-as, almejamos, fonte de pesquisa, consulta e estudo a trabalhadores, estudantes e interessados.

O COREM 5R agradece a todos, todas e todes que aceitaram o convite; que deram o suporte necessário e contribuíram com seus conhecimentos para que esta publicação se tornasse realidade e que nos assistiram e nos acompanham no Instagram. Que todos os assuntos e informações sobre a área aqui tratados sejam úteis aos que desejam ver a Museologia cada vez mais humana, diversa e inclusiva. Boa leitura! ■

ENTREVISTA COM MUSEÓLOGO(A)

LETÍCIA ORACILDA ACOSTA PORTO



Vamos somar. O que a gente mais precisa é isso. A gente precisa se fortalecer enquanto profissional e isso só através do Sistema COFEM/COREMs forte. [...] sem conselho vai ser muito pior.

Letícia vive em Foz do Iguaçu/PR. Ex-presidente do COREM 5R, é formada em Museologia pela UFPEL/RS e doutoranda em Museologia e Patrimônio na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO.

Franciele Maziero | Boa noite a todos. Começamos esta segunda *live* “Conversa com museólogo” com a convidada Letícia Oracilda Acosta Porto, museóloga que atua e mora no Paraná. Lembrando que esta *live* faz parte da comemoração dos 40 anos da regulamentação da nossa profissão e é uma promoção do COREM 5R.

Franciele Maziero | Oi, Letícia, boa noite.

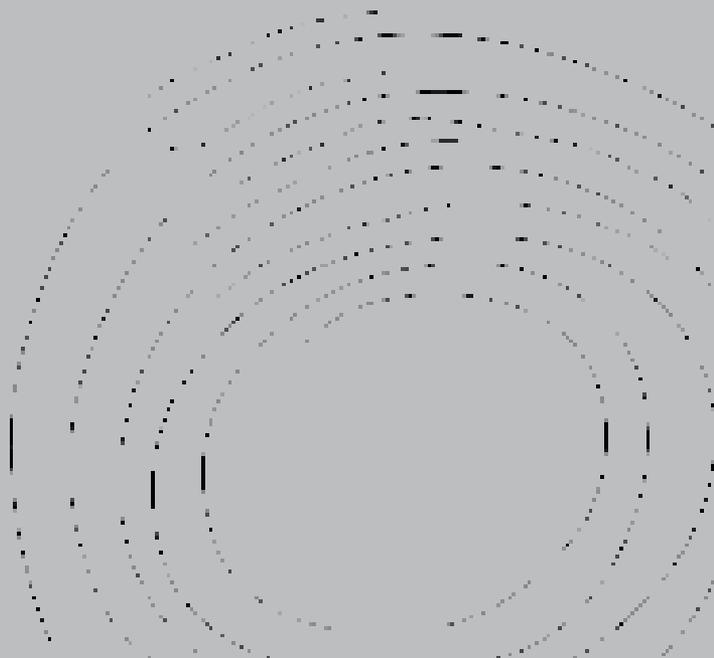
Letícia Oracilda A. Costa Porto | Oi, Fran, boa noite, tudo bem?

Franciele | Primeiramente agradecer a você pelo aceite do nosso convite. Nós colocamos algumas enquetes no Instagram do conselho e foram colocados alguns nomes. O seu estava entre eles. Então entramos em contato e agradecemos que você aceitou.

Letícia | Boa noite a todas e a todos. Quero agradecer o convite da diretoria do 5R e agradecer também quem indicou meu nome pra contar um pouquinho da minha trajetória de museóloga.

Franciele | Gostaria também de agradecer a toda a equipe do COREM 5R, que sempre ajuda na logística, em especial, a [conselheira] Marcella [Borel]; também gostaria de agradecer ao Sistema Estadual de Museus do Paraná, o COSEM [Coordenadoria do Sistema Estadual de Museus do Paraná], que é vinculado à Secretaria de Cultura do Estado do Paraná. Eles ajudaram e também contribuíram na divulgação desta *live*. A primeira delas foi com Marco Antônio, presidente do COFEM, que mora em Santa Catarina. Agradecer à museóloga e também servidora da Secretaria Ellen [Cunha do Nascimento]. Não sei se ela está presente aqui nos ouvindo, mas ficam os meus agradecimentos e de todo o conselho por esse apoio na divulgação da nossa *live*. A nossa intenção é sempre convidar também um profissional do Paraná para comentar e falar sobre a sua trajetória. Quem não puder assistir, a *live* ficará gravada aqui no Instagram do conselho. Começando, gostaria de te perguntar o que te fez entrar na Museologia. Você já atuava em museu antes de entrar? Quando foi? Em qual faculdade você se formou? Se puder passar um pouquinho dessas informações e falar um pouquinho pra gente sobre isso.

Letícia | O começo de tudo, né? Bom, a minha formação se deu na Universidade Federal de Pelotas... Inclusive, Fran, eu te peço licença para mandar o meu abraço fraterno para todas as vítimas da enchente do Rio Grande do Sul. Eu, como gaúcha, brasileira e ser humano, apesar de estar longe, me sinto muito tocada, como qualquer outra pessoa, e tenho familiares que foram atingidos. A minha cidade, Pelotas, está embaixo d’água. Foi onde eu me formei, e a gente tá vivendo uma situação de calamidade, uma coisa que ao mesmo tempo a ciência já nos avisava, mas a gente tem uma coisa de não querer acreditar que aquilo vai acontecer imediatamente. Infelizmente a gente tá vendo todas as previsões se concretizarem de uma forma tão trágica, com tantas vidas ceifadas, e museus embaixo d’água. Então meu abraço também para os profissionais museólogos e demais profissionais que estão passando por essa situação. O COREM tem divulgado bastante como auxiliar esses museus, auxiliar essas pessoas. Peço que contribuam como puderem, enfim, com doação, ou quem não tiver condições, compartilhar na sua rede os pedidos de ajuda. A gente soube recentemente que a presidente do 3R também foi atingida por essa calamidade, perdeu muita coisa — fiquei sabendo agora há pouco, um pouco antes de entrar na *live*. Quero depois fazer um contato com a Aline [Escandil de Souza] e prestar minha solidariedade pra ela também, que tem feito um trabalho excelente no Rio Grande do Sul, no COREM.



Enfim, só pra iniciar, não poderia ser de outra forma, com tudo isso que a gente tava vendo esse maio trágico para o Brasil inteiro e para o Rio Grande do Sul. Bom, voltando à minha formação, eu fiz o bacharelado em Museologia na federal de Pelotas, mas eu não sou de Pelotas, eu sou de uma cidade chamada Santa Vitória do Palmar, que fica no sul do Rio Grande do Sul, na divisa com o Uruguai, do lado do Chuí — inclusive Chuí era distrito de Santa Vitória antes de se emancipar. Então é bem extremo sul. Eu saí da minha cidade aos 18 anos, quando fui aprovada no vestibular da UFPEL [Universidade Federal de Pelotas]. Na época que tinha vestibular ainda, né? E morei cinco anos em Pelotas, durante os quatro de graduação, e ainda fiquei mais um ano lá; fiz dois semestres de História também na federal de Pelotas. Posteriormente, eu fiz mestrado na [Universidade] Federal de Santa Maria [UFSM], de 2013 a 2015, em patrimônio cultural, cidade que também, infelizmente, foi gravemente atingida por essa catástrofe toda... E atualmente faço meu doutorado em Museologia e Patrimônio na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. Bom, acho que muita coisa me levou pra Museologia. Eu sempre fui uma pessoa muito apaixonada por História. A gente sabe, depois que pesquisa mais, que a História é uma pontinha da Museologia, né? E que não necessariamente você trabalha com a História. Mas quando eu fiz o vestibular na UFPEL, era a primeira turma — eu sou da primeira turma. Então nós não sabíamos, não conhecíamos bem o curso, tinha pouquíssima informação, porque foi em 2006, então, o acesso era muito limitado, os cursos que existiam na época eram o da federal [da Bahia], o da UNIRIO e o da UNIBAVE. Então, no site das universidades tinha pouca coisa, porque realmente não era tão popular como é hoje, não tinha a rede social tão forte como a gente tem hoje nessa disseminação rápida de informação. Mas eu lembro que eu tinha feito o vestibular de verão da UFPEL e não fui aprovada. E aí, no vestibular de inverno, tradicionalmente, sempre eram os cursos de Ciências da Saúde ou de Ciências Agrárias — Medicina Veterinária, Medicina, Agronomia, enfim, Administração, nada que eu achasse que fosse o meu perfil. Eu me preocupava um pouco. Eu disse “Meu Deus, e agora, o que eu vou fazer?” Aí eu vi uma propaganda na tevê falando que a UFPEL tava abrindo dois novos cursos, o de Pedagogia — que, por incrível que pareça, ficou muitos anos sem ter e estava reabrindo — e o de Museologia. Fiquei pensando “Museologia, o que é isso? Será pra trabalhar em museu?” Associei com museu... E aí fui pesquisar na internet, achei o site da UNIRIO, olhei as disciplinas e me interessei. Disse “Ah, vou me inscrever pro vestibular em Museologia”. Me inscrevi, me encontrei na universidade, a gente já começou com um calendário de greve, as aulas começaram em outubro... E eu pensava “Ah, se eu não gostar do curso, eu peço a opção para História ou faço vestibular novamente”. Só que eu acabei me apaixonando pelo curso. Depois comecei a entrar em projetos de extensão, a fazer estágio, enfim, me apaixonei e pensei “Não, é isso o que eu quero pra minha vida, é aqui que eu me achei, que eu me encontrei...”. E, realmente, passados alguns bons anos, de 2006 pra cá, enfim, eu não me vejo fazendo outra coisa. Então basicamente foi essa a minha motivação.

Franciele | Voltando para quando você decidiu fazer o vestibular para a Museologia. Você não atuava em museu, ou atuava?

Letícia | Não, eu estava saindo do Ensino Médio. Eu tinha

meus 18 aninhos, tinha acabado de sair do Ensino Médio e ainda não tinha atuado. E na minha cidade tem um museu, um museu pequeno, e acho que posso também citar esse museu como uma fonte de inspiração, e o professor Jamil Pereira, que é o paleontólogo e diretor da instituição desde que eu era criança e que faz um trabalho excelente. Ele tem todo um trabalho de educação patrimonial, de ações voltadas pra educação e leva literalmente o museu pra calçada, pras escolas. Eu lembro que, quando eu tinha mais ou menos uns 12 anos, ele fez um trabalho na escola que eu estudava, porque primeiro ele foi na escola, falou sobre o museu, sobre o acervo, e aí em um segundo momento a gente teve uma visita no museu e dali teve que fazer um relatório, enfim, não me lembro se era pra disciplina de História... Aí a gente voltou no museu mesmo; eu e uma colega conversamos muito com ele pra fazer o relatório. Então eu me encantei pelo museu. Acho que foi minha primeira paixão na área, o museu da minha cidade. Uma das coisas que também acabou me impulsionando a fazer Museologia. E eu pude olhar para o professor Jamil e falar para ele “Eu sou uma sementinha que tu plantou”. Então eu sempre digo, valorizo toda a ação educativa dentro do museu, porque eu sou fruto dela de alguma forma. A gente sabe que é um trabalho difícil, um trabalho que realmente você tem que gostar muito para desenvolver, mas é importante. Eu sou prova viva que dá resultado, pro campo da memória, do patrimônio.

Franciele | Sim, eu ia perguntar se teve alguma inspiração, antes e durante a faculdade, porque você disse desse contato muito próximo com esse paleontólogo do museu. Então de alguma forma isso te inspirou a entrar na Museologia.

Letícia | Sim, foi uma inspiração muito grande. E eu acho que dentro da Museologia houve uma possibilidade de trabalhar com a História, que é algo que eu gosto, porque eu tinha uma grande resistência com a licenciatura — por favor, quem é da licenciatura não me mate, não queira me matar. Eu não me via dando aula, achava que era uma coisa que não era muito o meu perfil. E aí eu pensava “Nossa, mas eu vou fazer História, licenciatura, como é que eu vou lidar com isso?” Então acho que a Museologia foi uma forma que eu vi de conseguir aliar essa vontade de estudar História por uma outra perspectiva, trabalhar com História por uma outra perspectiva que não a do historiador, mas sem necessariamente precisar estar numa sala de aula. A gente aqui no Ecomuseu de Itaipu, onde eu trabalho atualmente, tem desenvolvido muitos trabalhos com as escolas da região, mas são participações especiais. Não é aquele dia a dia da escola, não é muito o meu talento.

Franciele | Sim, na faculdade, teve alguma disciplina que te chamou atenção logo no primeiro ano, algum professor que falou alguma coisa e você pensou “Opa, eu acho que é isso que eu quero fazer”, no sentido justamente de alguma inspiração, mas aí dentro já da faculdade?

Letícia | É engraçado. São várias coisas que eu poderia citar, mas acho que o que eu posso destacar é que, no primeiro dia de aula — nós fomos recebidos pela então coordenadora do curso, a professora Maria Leticia Mazzucchi [Pereira] —, eu lembro de ela falar como era o curso, que dali eu tive uma noção realmente do que era a Museologia. Ela falou de todo o processo de criação do curso — ela participou ativamente com o professor Miranda, da Arquitetura. A professora Maria Leticia era do curso de História; o professor Miranda do

curso de Arquitetura, e eles somaram forças a outras pessoas, outros professores para a criação do curso dentro da UFPEL, no âmbito do REUNI. Acho que ela deu um panorama pra gente do que era a Museologia. Ela apresentou o curso, todas as disciplinas, e eu lembro que ela falou “Vocês vão ver uma pontinha só de História.” E eu me lembro de uma coisa muito forte que ela falou. Ela disse assim “Vocês estão entrando numa guerra, vocês estão entrando numa batalha, porque trabalhar em museus é trabalhar com disputa de narrativa, é trabalhar com disputa de memórias. Então vocês estão entrando numa guerra.” Isso ficou muito marcado pra mim. E acho que tiveram outras disciplinas que foram muito importantes, outros professores. Eu acredito que a disciplina de Antropologia foi fundamental com o professor Rogério Rosa. Com ela eu desconstruí muita coisa dentro de mim. Acho que eu comecei a amadurecer coisas, não só como profissional, mas também como ser humano. Me fez refletir sobre muita coisa, amadurecer sobre muita coisa. Prática em museus também foi bem desafiador.

Franciele | Essas disciplinas foram todas no início do curso?

Letícia | Prática em museus a gente teve mais pro final, porque agora mudou muito o currículo. A disciplina de Antropologia foi bem no início. Então acho que foi aquele choque. Eu lembro que até o professor Rogério falava “Vocês não estão no Ensino Médio”. Então foi uma coisa de mais impacto. Foi onde eu pude sentir o que era estar numa universidade, pra questão da Museologia, mas também pra questão de saber o que é estar numa universidade

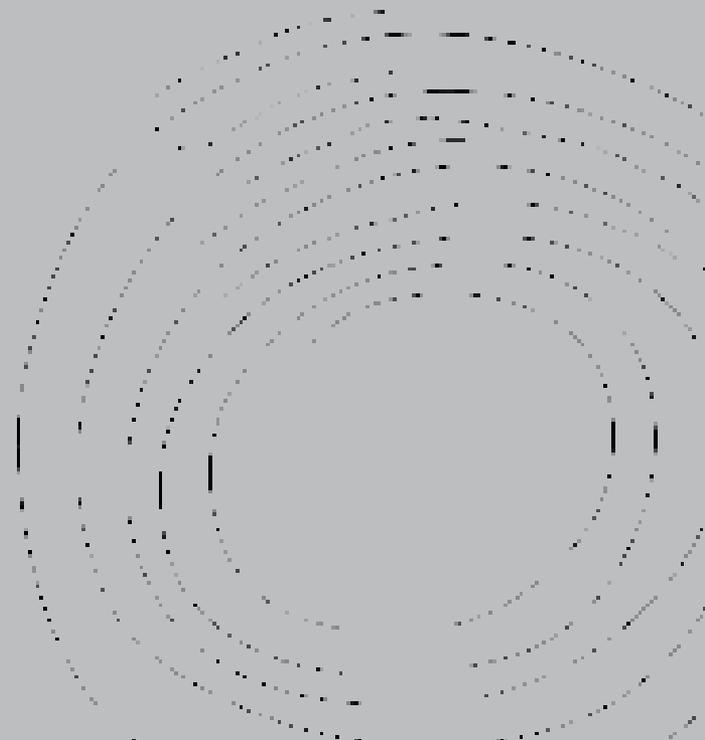
Franciele | Sim, e contato com o professor museólogo, você também teve na faculdade, no início, ou não?

Letícia | É, então, como nós éramos da primeira turma, a gente enfrentou algumas dificuldades, como a falta de professor museólogo. E foi uma briga muito grande nossa, porque, enfim, a gente teve evento da reitoria que foi com cartaz pra pedir professor museólogo, teve um evento lá em que a UFPEL tava inaugurando a nova reitoria, e a gente foi lá pra frente com nariz de palhaço, com cartaz, porque queríamos o professor museólogo. E a gente falava “Como um médico vai se formar sem ter contato com o médico?” “Como um professor vai se formar sem ter contato com outro professor?” “E como um museólogo vai se formar sem ter contato com outro museólogo?” O que aconteceu foi que, no início do curso, foi feito um concurso. E aí foi entrado com recurso, o concurso foi anulado e demorou para sair o próximo. A gente foi ter professor museólogo efetivamente quando nós estávamos já no quinto semestre: o professor Diego Lemos e o professor Maurício Viana. Inclusive, não sei se eles vão ter acesso à *live*, se eles estão assistindo ou não, se vão assistir... quero mandar um grande abraço para eles, e acho que foram duas grandes inspirações, sim... Inclusive Diego depois foi meu orientador de TCC, de estágio e de projeto de extensão. Eu lembro que a gente ficava fascinado de ver “Meu Deus, museólogo, porque, pra gente, mesmo estando no curso de Museologia, era quase um ser mítico, a gente não tinha quase contato com professor museólogo. No primeiro semestre, o professor Mário Chagas, o professor Cícero Almeida, lá da UNIRIO, foram dar algumas aulas concentradas, cada um ficou uma semana. Foram os dois primeiros museólogos que a gente viu na vida. Então, com certeza, também foram uma grande fonte de inspiração. Lembro do professor Mário

Chagas falar “Gente, vocês não estão sozinhos; a gente está longe, mas a gente está com vocês”. E acho que isso deu um fôlego também pra gente acreditar naquilo tudo, porque, como éramos a primeira turma... nós entramos 30 e nos formamos 15. Algumas pessoas desistiram, pois era um desafio, um caminhar muito escuro, porque a gente não tinha referência nenhuma, a gente tava muito longe de tudo, então, foi bem desafiador o processo todo.

Franciele | Mas essas 15 pessoas tinham perspectiva de se formar e entrar no mercado de trabalho? Como é que foi isso, porque, dentro da faculdade a gente tem uma visão, mas aí a gente começa a ver o estágio. Também gostaria de perguntar pra ti qual foi a área que escolheu no estágio. Onde você fez, teve algum museólogo junto, porque é na fase do estágio que a gente começa a definir o que vai fazer.

Letícia | Eu sempre falo que acho que, para qualquer profissão, estágio é muito importante. Eu acho que é algo que realmente te coloca na realidade do que é o trabalho no dia a dia, no nosso caso, o trabalho em museu. E, claro, cada museu é muito peculiar, tem o seus pontos fracos, fortes, mas eu acho que é no estágio que a gente consegue vivenciar um pouco da realidade do dia a dia da profissão, porque eu sempre digo que, antes do estágio a gente fica vendo muito sobre a teoria, sobre o que é o correto, indicado, ideal e, na realidade, no estágio, a gente consegue ver o que é o possível. A gente sabe que tem museu que enfrenta dificuldade pra ter um corpo técnico, ainda mais um corpo mais especializado, com um museólogo, com conservador, com curador, antropólogo, enfim, o profissional que a tipologia do museu demandar. Bom, falando sobre os meus estágios: eu comecei o meu primeiro estágio no Museu Municipal Parque da Baronesa, em Pelotas. Fiquei dois anos fazendo o estágio lá; o meu estágio obrigatório também foi lá. Meu orientador foi o Diego, este professor que eu comentei, e pra mim foi fundamental, no sentido como eu te falei, de realmente conhecer a realidade do museu, um museu municipal, gerido por uma prefeitura. E a gente sabe como no poder público as coisas muitas vezes são morosas, difíceis, complicadas. Então eu aprendi muito. Eu acho que foi essencial pra minha formação. E eu fiz também no Museu Gruppelli, que é um museu do interior, na Colônia Gruppelli, no interior de Pelotas, e nós íamos no final de semana. Muito interessante. Inclusive, eles têm um trabalho fantástico. É um museu que foi iniciado pela família Gruppelli, que é a família



que dá o nome à colônia. E é um museu de comunidade, um museu que a comunidade abraçou muito.

Franciele | É um museu particular, privado?

Letícia | Isso, ele é particular, mas tem um apoio muito grande da UFPEL. A federal de Pelotas dá um suporte muito bacana pro museu em termos de estagiários. Os professores também estão sempre dando apoio. Inclusive depois, quem puder pesquisar sobre o museu, pesquise, que é muito legal o trabalho da galera lá. Só que lá nós íamos no final de semana, porque fica a — eu não vou lembrar quantos quilômetros do centro urbano de Pelotas), 30 e poucos quilômetros. Então nós íamos no sábado de manhã. A gente saía de Pelotas 7 da manhã, faça chuva, faça sol, o carro da universidade levava a gente até lá. A gente passava o final de semana inteiro lá — porque a família Gruppelli tem um mercado com um restaurante e hospedagem —, ficava hospedado e, domingo, final da tarde, o carro da universidade retornava para buscar a gente. Então era uma rotina de estágio de segunda a segunda praticamente. Mas eu devo muito a esses dois lugares, agradeço muito às pessoas — não vou citar todo mundo, porque eu vou esquecer alguém —, mas as pessoas que estiveram lá foram fundamentais na minha formação, os professores que nos orientaram, o pessoal que trabalhava nos museus, tanto a família Gruppelli quanto os servidores da prefeitura de Pelotas. E são coisas que eu trago até hoje, sabe? São experiências, vivências que me fizeram crescer como profissional. Então, gente, façam estágio. Agarrem todos os estágios possíveis. Pesquisem, quem não conhece...

Franciele | Letícia, você trabalhava? Tinha que conciliar a rotina e o trabalho? Ou foi tranquilo de você cursar a faculdade?

Letícia | Eu não trabalhava de ter o emprego formal, essas coisas assim. Eu fazia os estágios. Era complicado porque o curso era e ainda é integral. Então a gente tinha aula todas as manhãs e em algumas tardes, dependendo da disciplina. Geralmente as optativas eram à tarde. Não sei como é que tá a grade do curso agora. Não creio que tenha mudado muito. Então era difícil. Tinham alguns colegas que trabalhavam, tinha colega que tinha trabalho de meio período, que ajudava a família no comércio, que trabalhava à noite como segurança e chegava virado na aula. Então, diversas experiências. Eu me considero, vamos dizer, privilegiada pela minha mãe na época ter me dado condições pra não precisar trabalhar, não precisar colaborar no sustento da casa e poder estudar, mas eu tinha uma carga com os estágios, porque de manhã eu tava na aula, de tarde na Baronesa, chegava no final da tarde em casa e no final de semana ainda tava no Gruppelli; então o tempo era bem corrido. A minha mãe “Ah, tu não para mais em casa”, mas, enfim, fez parte.

Franciele | Nessas experiências de estágio, atuou em alguma área específica — salvaguarda, pesquisa, comunicação — ou você fazia de tudo? Como é que era essa questão do teu estágio? Isso culminou no seu TCC, no seu trabalho final da faculdade?

Letícia | Então, sabe que, no Museu da Baronesa, nós éramos quatro estagiários e dividimos mais ou menos assim: dois ficavam mais na parte de documentação e dois mais na parte de conservação. E aí conservação tanto do acervo que tava em reserva técnica quanto do acervo em exposição. Eu

e minha colega Luciana [Silveira Cardoso] — hoje ela é professora na [Universidade] Federal de Santa Catarina — ficávamos com a parte da conservação, mas a gente meio que fazia de tudo. Se o pessoal da documentação estava muito enrolado, a gente ia para documentação. Até atendimento ao público, visita guiada a gente fazia. Então, aqui tem uma festa grande, chamada Fenadoce (Feira Nacional do Doce) e nessa época tinha muito movimento no museu. A gente às vezes ia no sábado, domingo, mesmo não sendo o nosso horário, e ajudava a fazer mediação. Ficava na bilheteria, enfim. A gente tinha uma responsabilidade principal, que era a conservação do acervo, mas atuava em todas as frentes.

Franciele | Teve alguma experiência que você vivenciou no museu quando estava estagiando que você olhou e disse “Não, isso aqui eu não quero fazer, não dá pra mim, não é a minha área, não consigo”?

Letícia | Teve. Eu lembro que um tempo depois que estávamos nós quatro, tiveram umas meninas da segunda turma que entravam e faziam a parte do educativo. E quando eu tava na universidade, era muito voltada pra parte técnica, pra conservação, pra documentação. “Eu não faço educativo de museus!”, dizia. Mas, enfim, são coisas que a gente amadurece. Hoje eu já sei a importância da educação dentro do museu, mas eu era muito voltada pra parte técnica, e falava “Não, quando eu me formar, eu quero me socar dentro de uma reserva técnica, não quero ter contato com o público, quero ficar só no acervo, quero ficar nos bastidores.” E até eu realmente não dava tanta importância pra essa questão da educação, mas, gente, me perdoem, eu tinha 20 anos. Hoje eu sei da importância, né? Mas era isso, era mais a parte do educativo que eu... e também a parte de planejar exposições; eu também não gostava muito de expografia, e hoje é uma das coisas que eu mais faço com museus. Realmente era mais a parte técnica que eu gostava.

Franciele | Você se formou, fez o estágio e conseguiu já um trabalho em museu? Foi difícil? Teve que entregar muito currículo? Como é que foi esse processo? Você se formou e logo pegou o registro?

Letícia | Então, eu me formei em agosto de 2010. Este ano já se vão 14 anos. Eu comecei a fazer concurso, mandar currículo para tudo que é lugar. Lembro que abriu uma vaga no Museu do Café, em Santos; eu mandei currículo, mas obviamente não tinha experiência nenhuma nos meus estágios. Fiz um concurso em Tijucas, em Santa Catarina, no início de 2011 (eu tinha poucos meses de formada), fiquei em primeiro lugar e aí eu fiz o meu registro no conselho. Errado, gente, errado.

Franciele | Você fez aí na 3ª Região?

Letícia | No 3R. Eu ainda estava no Rio Grande do Sul, na época [inaudível]. Aí eu fiz o meu registro, porque tinha passado no concurso. Mas, enfim, já deveria ter feito antes. Ainda não era museóloga até então. Era só bacharel em Museologia. Aí eu fiquei esperando ser chamada e tava já fazendo o curso de História, quando apareceu uma vaga na prefeitura de Guaíba, no Museu [Municipal] Carlos Nobre, por um contrato emergencial. Eles precisavam de licenciamento, de uma área com o Iphan, e aí parecia que tinha a possibilidade de haver alguma coisa no sentido de prospecção arqueológica. Então o Iphan pediu, pra poder

fazer a liberação, que tivesse um local de guarda e um profissional responsável por essa guarda. Já tínhamos o Museu Municipal Carlos Nobre, só que o Iphan pediu que fosse um museólogo ou um arqueólogo. E aí a prefeitura, já que tinha que criar o cargo, não tinha nenhum dos dois, optou pelo museólogo, porque tinha o museu, né? Optou por não ter um cargo tão específico como o arqueólogo. E aí eu mandei currículo, fiz entrevista... Como era um processo simplificado, e fui chamada, e foi tudo muito rápido. Eu mandei currículo e, menos de 15 dias depois, eu tava me mudando pra Guaíba, que fica na região de Porto Alegre, que também, infelizmente, foi muito afetada agora com as enchentes. Pelo que eu soube a região onde está o museu é muito próxima à beira do Guaíba... Eu procurei notícias e não encontrei — até se tiver alguém de lá assistindo, puder me enviar, porque eu fiquei muito preocupada com o acervo, muito preocupada com o museu, e pelo que eu sei a região do museu foi atingida, não sei em que intensidade, mas foi atingida. Enfim, fiquei lá um ano, mas quando eu entrei, já tinha quase um ano de formada, então fiquei um ano desempregada, fazendo concurso...

Franciele | E tinha passado no concurso de Tijucas...

Letícia | Aí eu entrei nessa vaga em Guaíba, deu, acho, que dois meses, e me chamaram em Tijucas. Aí eu não quis deixar o Rio Grande do Sul. Eu conversei com a minha família, conversei com meu então namorado... Eu estava muito na dúvida e acabei não assumindo, não fui pra Tijucas, continuei em Guaíba e, quando acabou meu contrato, novamente fiquei desempregada. Foi aí que eu entrei no mestrado. Fiquei mais um ano desempregada, até conseguir uma vaga na Sogipa, em Porto Alegre, que é a Sociedade de Ginástica Porto Alegre. Eles têm um memorial do clube. A Sogipa é um clube centenário lá em Porto Alegre. Inclusive a primeira Oktoberfest do Brasil foi feita lá. É um clube que tem muitos nomes nacionais e medalha olímpica no judô. Muito expressivo o judô do Sogipa. Aí fiquei mais dois anos lá, mas fazendo concurso também, até porque não era contratada como museóloga na Sogipa, apesar de trabalhar no memorial, pra desenvolver todas as atividades, eu era especialista em patrimônio cultural. E foi nessa época que estava na Sogipa que eu comecei a participar de algumas comissões do 3R e ter um entendimento melhor do que era o conselho, do papel do conselho. Eu fazia parte da COFEP, da comissão de fiscalização. A gente fazia ainda reuniões presenciais. Na época pré-pandemia, bem pré-pandemia, sete anos antes, a gente se reunia ou na casa de alguém, porque agora o 3R tem uma sede, mas na época não tinha, ou num shopping, numa cafeteria, enfim, e foi onde eu comecei a ter contato e saber de fato o que era o Sistema COFEM/COREMs. Depois eu passei no concurso aqui em Foz do Iguaçu, mas na Universidade da Integração Latino-americana, universidade federal, a UNILA, atuei por três anos e tinha feito junto o concurso da Itaipu. Fui nomeada em Itaipu, enfim, pesei algumas questões e acabei migrando pra Itaipu também, aqui em Foz, no Paraná, e agora em dezembro fecham-se sete anos que estou no ecomuseu. Resumidamente, isso é um pouco das minhas experiências.

Franciele | Dá pra ver pelo que você fala que é uma experiência muito voltada pra área pública. O museu municipal, o museu de Itaipu, que é binacional, né? Você tem bastante experiência pelo que você comenta.

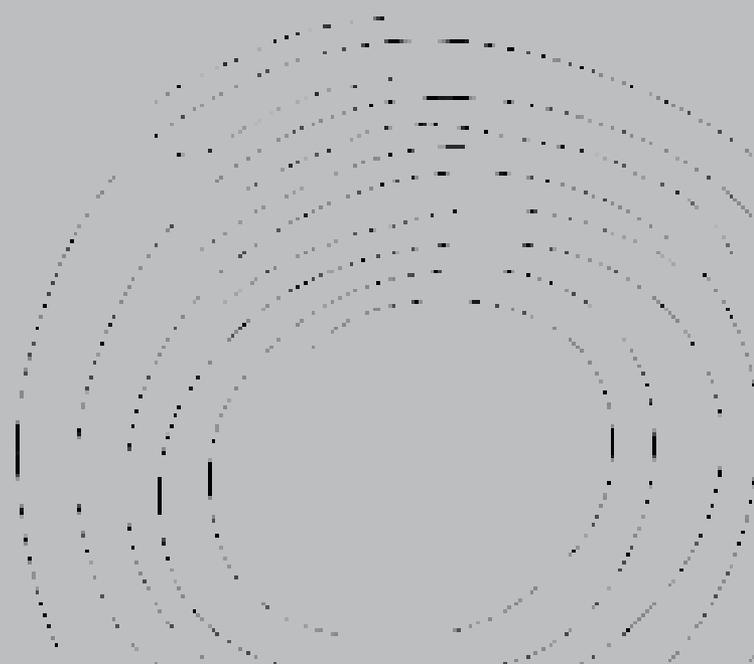
Letícia | É engraçado. Bom, tu também, como profissional, já atuou no serviço público. É onde a gente vê que tem um mercado maior, né? A gente percebe que, realmente, no âmbito privado, não tem ainda uma abertura tão expressiva quanto no público. E acho que, pelo menos quando eu me formei, em 2010, e até mais ou menos 2014, 2015, a gente teve muito concurso. Eu lembro que tinha dias, finais de semana, que tinham dois concursos pra museólogo, ou numa universidade federal, ou numa prefeitura. Então a gente teve uma leva muito grande de concursos quando eu me formei. Tanto que eu fiz UFPEL, eu fiz um concurso da Secretaria de Cultura do Rio Grande do Sul. Enfim, alguns, e fui nomeada em três desses concursos: no de Tijucas, em Santa Catarina, e nos dois aqui em Foz. Mas é onde a gente acaba tendo mais experiência mesmo, porque é onde surgem mais oportunidades.

Franciele | Em relação a projetos paralelos, você chegou a participar de algum, porque às vezes a pessoa trabalha no serviço público e também participa de outro projeto, alguma outra atividade ligada também a museu e patrimônio? Você tem alguma experiência para contar pra gente nesse sentido?

Letícia | Bom, eu fiquei mais focada nos museus em que eu atuei mesmo. Ainda mais porque, sendo servidora pública, a gente tem uma certa limitação pra atuar fora, né? Consegue mais se é na área da educação, da licenciatura ainda e tem uma flexibilidade um pouco maior, mas, claro, eu lembro que, quando a gente se formou — bom, acho que eu não sei se é coisa de todo estudante de Museologia, todo recém-formado —, a gente fala com aquele grupo de amigos “Vamos abrir uma empresa de consultoria”, só que muitos acabam não indo pra frente. Teve conversa com algumas colegas de a gente querer abrir alguma coisa de consultoria, mas nunca de fato concretizamos isso. E aí eu acabei ficando mais nesse âmbito dessas vagas, dessas oportunidades que surgiram. E atualmente na Itaipu.

Franciele | Sobre o seu trabalho de sete anos na Itaipu, o que você faz no seu dia a dia? Higienização, documentação, exposição, gestão...

Letícia | Como a maioria esmagadora dos museólogos, a gente faz de tudo um pouco. No ecomuseu a gente faz a parte de gestão e tem três ações principais, porque nós estamos dentro da divisão de educação ambiental da Itaipu. E essa divisão tem dois programas: um cujo foco é a educação



ambiental, com ações bem pontuais; e o outro, o 297, que é um programa voltado para o ecomuseu, pras questões do patrimônio, da cultura. E, dentro desse programa, a gente tem três ações: a memória institucional de Itaipu — esse programa é coordenado pelas colegas Lúcia [Arlete Carvalho Lago] e Tatiara [Damas]; a rede regional de cultura e patrimônio, que faz um trabalho com 55 municípios da região Oeste (a gente circula com exposição, faz atividades culturais de todos os gêneros, desde espetáculo de música, de dança, de teatro); a gestão museológica, que é a minha ação, voltada para todas as ações de dentro do museu — as exposições, a conservação, a documentação, tudo o que acontece dentro do museu. Então, no dia a dia, na rotina do museu, a gente acaba se envolvendo em tudo. E como temos um acervo relativamente grande e uma equipe um pouco reduzida, a gente teve um tempo um contrato de conservação de acervo com a empresa Viés Cultural, do museólogo João Paulo, que também é conselheiro, enfim, a Viés é uma grande parceira nossa aqui em Itaipu. Eles fizeram todo o trabalho de conservação, de documentação, de acondicionamento, porque às vezes a gente não tem perna, a gente precisa fazer esses contratos, porque a gente não consegue abarcar tudo. As exposições também, geralmente, a gente contrata empresa pra fazer a produção das exposições. Agora estamos com o museu fechado, tá em reforma, mas quando o museu está aberto, a gente faz desde a parte do turismo, do educativo, exposições, acervo... “Ah, visitante passou mal dentro do museu, chama ambulância”. Se tem um cano quebrado, abre um chamado pra consertar, enfim, tudo.

Franciele | Hoje, se o visitante quiser passar pela região de Foz, o oeste do Paraná, ele não consegue visitar o Museu de Itaipu. Está fechado ao público?

Letícia | Então, sim e não, porque o prédio principal do museu tá fechado para essa reforma, mas a gente inaugurou uma nova recepção, onde a gente está com duas exposições: uma falando sobre todas as pesquisas que ocorreram antes da construção da usina, que originaram muito do acervo do ecomuseu, falando sobre as questões socioambientais da Itaipu; e outra sobre os 50 anos do tratado que originou Itaipu, uma exposição em parceria com o Itamaraty. E, enfim, dá para visitar essas duas exposições temporárias. Fica o convite, se alguém por acaso estiver passando por Foz do Iguaçu, aqui na região Oeste, pode vir, a gente está de braços abertos para recebê-los. Se alguém quiser conversar com a gente... Inclusive, deixa eu citar o trabalho com uma outra museóloga, a Camila [Trolez] Amancio. A gente diz que é uma raridade ter uma duplinha de museólogos. Geralmente a instituição, quando consegue, consegue contratar um profissional só. Às vezes a gente fica um pouco ilhado quando tem um museólogo, porque às vezes parece que a gente tá falando grego. Você tá explicando, falando alguma coisa, dando alguma orientação técnica, e as pessoas ficam “Mas por quê?” Então é legal a gente poder ter essa troca, e aqui no Oeste somos três museólogas, eu e a Tamires, e, em Toledo, a prefeitura municipal tem o Luan [da Rosa Pacheco], transferido do 3R. Eu ainda não o conheci; eu conheci o Tiago [Graule Machado], que era o museólogo que estava anteriormente; inclusive ele é da segunda turma da UFPEL. E cheguei a visitá-lo lá em Toledo, a visitar o museu, conheci o trabalho dele lá e agora tenho que ir lá conhecer o Luan também.

Franciele | Vocês aí em Foz e em Toledo acabam sendo referência na região oeste, por conta dos municípios menores, que não têm um profissional. Se um museu quiser entrar em contato e pedir alguma orientação técnica, vocês conseguem e podem orientar nesse sentido? Já teve algum exemplo desse caso?

Letícia | Já, vários casos. Desde pedir orientação para a criação de museu, orientação técnica sobre conservação, documentação. Como eu te falei, a gente circula também com algumas exposições. Então tem exposições que vão para os museus da região. Não vou lembrar agora, gente, me perdoem, não sei quantos museus existem na região, não lembro o número exato. Mas a gente faz também esse trabalho. E é muito bacana, porque às vezes a gente recebe uma ligação, um e-mail, um WhatsApp de alguns profissionais que estão totalmente perdidos. Recentemente teve um município aqui que tinha um zelo(?), que era de uma companhia que estava sendo privatizada. E aí simplesmente a companhia disse “Não, a gente não quer mais o acervo, a gente vai desmobilizar tudo, vamos botar um edital”. E a prefeitura abraçou isso. “Não, a gente quer ficar como o museu.” E aí a equipe veio até Foz do Iguaçu, conversou com a gente, conheceu nossa reserva técnica, perguntou pra gente quais profissionais precisaria para tocar o museu. Enfim, algumas coisas básicas que eles precisariam pra receber esse acervo na prefeitura, na Secretaria de Cultura, e dar continuidade a esse museu, que é tão importante para a cidade. E aí, quando eles entraram em contato, eu estava no final da minha gestação. Depois que o bebê nasceu, uma das meninas mandou “Letícia, deu certo, a gente conseguiu incorporar o acervo.” E eu “Ah, que legal, né? Nossa!” A gente fica muito feliz quando o nosso trabalho reverbera de alguma forma, colabora de alguma maneira com outros colegas e com outros profissionais que às vezes não têm a formação. Enfim, infelizmente ninguém tinha a formação em Museologia. Mas a gente falou “Tem que contratar museólogo, vamos criar o cargo na prefeitura.”

Franciele | Querendo ou não, acaba ficando uma referência; já que é uma referência, que seja uma referência boa...

Letícia | Claro, a gente sempre está de portas abertas pra orientar e para auxiliar na medida do possível. A gente sabe que tem alguns limites, recebe muita demanda dos museus municipais, dos museus da prefeitura; a gente sabe que tem algumas coisas que a administração precisa resolver, mas no que a gente pode, principalmente no sentido de orientar os profissionais, de fazer também essa campanha pra contratação de museólogos, criação de cargos, porque pra gente, digo, falando um pouco da minha experiência também, ex-presidente do 5R, toda vaga que a gente vê aberta, todo concurso, toda vaga criada em município é uma satisfação, porque é a ponta final do nosso trabalho, né? A gente sabe, e aí entrando um pouquinho no Sistema COFEM/COREMs, que são muitos desafios. Tu tá há mais tempo que eu no 5R, tu sabe bem tudo o que a gente enfrenta, e eu já fui uma das pessoas que esteve do lado de cá criticando. Eu já fui uma das pessoas que fez críticas pesadas ao sistema por desconhecimento, por um afastamento que, às vezes, o profissional ou o bacharel em Museologia, ou estudante, enfim, tem do conselho. E aí um dia o Marco me ligou e disse “Tu não quer fazer parte?”; “Você está falando, falando, falando... não quer fazer parte?” Eu disse “Quero!” Porque

que criticar, criticar, criticar, falar — não que não deva existir crítica, eu acho que toda crítica é muito bem-vinda quando ela é pautada no sentido de querer construir, de querer fortalecer, de querer somar — e ter uma crítica vazia, só porque “Ah, o meu pedido não foi atendido”, “O que eu quero não saiu na hora que eu quero” não é legal, gente! Fica aí também para os estudantes e para os profissionais uma dica de se aproximarem do conselho. O conselho precisa de apoio, né? Conselho forte é profissão forte. (comentário no chat do Saulo [Moreno Rocha] – “Só entrando para saber como a coisa funciona exatamente”). Aí você colocou o dedinho na ferida, né? A gente tem muitos desafios, nós somos poucos. O que que acontece, por exemplo, no 5R, a gente teve na minha gestão uma hora, principalmente quando o Marco foi para presidência do COFEM, que às vezes éramos eu e a Fran. E às vezes uma estava doente. Essas coisas acontecem. A gente é ser humano, tem nossos problemas pessoais, todo mundo trabalha, tem família, seus compromissos e todo mundo é voluntário. Acho que é isto que é importante: os conselheiros todos estão trabalhando voluntariamente por uma causa que é o fortalecimento da nossa profissão. Então assim, gente, vamos fazer crítica, beleza, mas vamos conhecer o conselho, vamos ler o regimento interno, vamos ler a legislação da profissão, vamos mandar e-mail. Pergunta, porque que que aconteceu, sabe, eu acho que tem maneiras e maneiras de falar... Durante a minha gestão, tinham alguns grupos que bombardeavam o 5R e, às vezes, eu não conseguia mais abrir o e-mail, porque me dava gatilho, me dava crise de ansiedade. Pensem que do lado de cá tem pessoas, e pessoas que estão trabalhando voluntariamente por uma causa. O que a gente quer? Porque tem muita gente que “Ah, o conselho só aparece pra cobrar a anuidade.” Não é... Existe um trabalho de bastidor que, infelizmente, por sermos poucos e não sermos tão fortalecidos, não conseguimos divulgar; a gente às vezes não tem perna para ir lá fiscalizar e divulgar, e tirar foto; a gente vê que tem conselhos enormes; Conselho de Medicina, das engenharias, OAB são conselhos gigantes que têm uma estrutura gigante que pode contratar um fotógrafo para quando o presidente der um sorriso ter alguém lá registrando... Às vezes a gente não tem perna para estar atuando e ao mesmo tempo divulgando. E aí parece que a gente não está fazendo nada. A gente sabe que é importante, a gente é da Museologia, a gente sabe como comunicação é importante, mas acaba falhando nessa etapa... Eu fico muito feliz de diversas conquistas que a gente teve enquanto eu estava à frente da gestão. A gente criou o Instagram, a gente conseguiu contratar o site, que, agora, finalmente, foi pro ar; teve um ano que a gente fez uma campanha gigantesca da CRTs. Emitam CRTs!

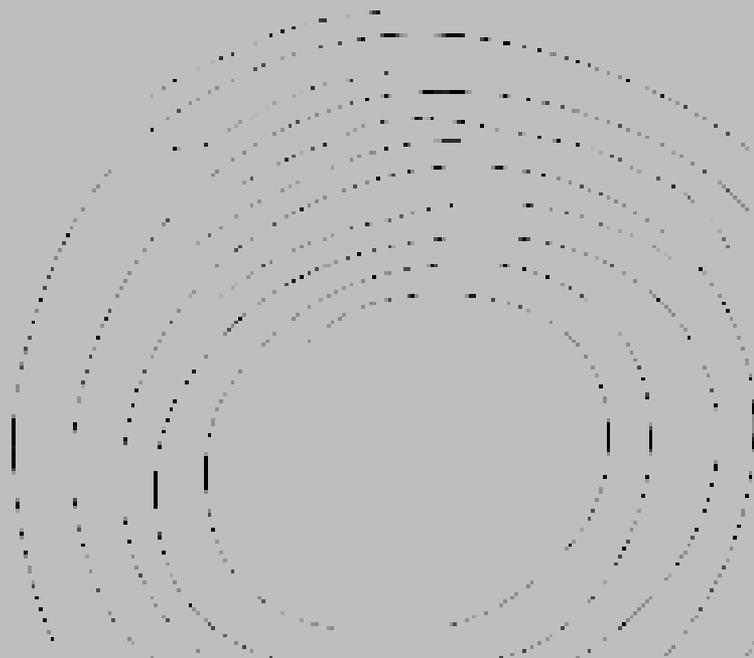
Franciele | Obrigatório, pessoal, quem está atuando na área de Museologia tem obrigação de emitir CRT.

Letícia | Exatamente. “Ah, mas eu não sabia”. Ok, mas tem o e-mail do conselho, tem o Instagram do conselho. Manda e-mail, pergunta “Eu preciso tirar essa CRT? Eu não preciso? Eu preciso fazer o registro? “Quando que eu tenho que fazer?” Tem muita coisa que a gente está fazendo que, infelizmente, não aparece, mas não é que o conselho não está atuando. Muitas vezes, quando vocês veem uma vaga que apareceu no edital, uma vaga criada, aquilo tem trabalho do conselho por trás, tem trabalho de fiscalização, tem trabalho de cobrança, de parceria com o Ministério Público. Infelizmente, às vezes, como eu falei, a gente não tem perna pra divulgar, mas isso

não quer dizer que não acontece. Então, critiquem, mas vão somar. Façam parte das comissões. “Ah, mas eu não posso fazer parte da comissão”, mas pede então para colaborar. “Ah, eu não posso fazer parte da comissão de divulgação, mas eu posso ajudar a criar um *post*; se tiver um evento do conselho, eu posso ajudar na organização.” Enfim, o que for, sabe? Vamos somar. O que a gente mais precisa é isso. A gente precisa se fortalecer enquanto profissional e isso só através do Sistema COFEM/COREMs forte. Gente, sem conselho vai ser muito pior.

Franciele | É o que a gente fala. Agora que eu estou presidente, no que depender de mim, nós vamos, sim, fiscalizar as pessoas que estão exercendo a função de museólogo sem ser museólogos. E também com a legislação que agora nos possibilita também fiscalizar os museus, a nossa intenção é, sim, fiscalizar. Nós somos cobrados, tanto pelo COFEM quanto pelo TCU, pelos ministérios públicos federais, e temos toda essa cobrança e ciência de que cada vez mais é importante ter museólogo dentro dos museus. E você, Letícia, está como prova. É uma pessoa que esteve dentro de museu, esteve aqui onde hoje eu estou e sabe de tudo isso, né? Por isso eu pergunto a questão de dar uma orientação pra museus da região... o quanto isso é importante.

Letícia | Inclusive, lembro que foi em 2021, porque foi no meu primeiro ano de mandato, que o pessoal do sistema de museus [COSEM] me convidou pra uma *live* no YouTube com os municípios do Paraná, pra falar da importância de ter museu, da importância de termos algo nos municípios, e foi muito legal. Teve um município que tava criando um museu, e o pessoal da gestão, da cultura veio falar comigo, tirou várias dúvidas. A gente bateu um papo, trocou uma ideia superlegal — um abraço também para o pessoal da COSEM. A Ellen [Cunha do Nascimento] já estava na COSEM, e a gente teve uma troca muito bacana, que eu lembro que na época a coordenação contratou, inclusive, uma museóloga. Eles me pediram para ajudar a especificar a vaga, e eu ajudei a fazer a especificação. O COREM 5R ajudou a divulgar a vaga pra candidatura. Era pra um contrato emergencial. E eu acho que é isso, acho que é com essa reunião de forças que a gente vai conseguir ampliar a vaga, o mercado de trabalho, que é uma aflição muito grande. E eu entendo, gente, porque ninguém faz uma graduação, pelo menos a maioria, pra não trabalhar. A gente sabe o quanto tá difícil o mercado de trabalho. Pra esse mercado se ampliar, isso que a Fran falou



das fiscalizações... não é somente fiscalizar o trabalho do museólogo; é fiscalizar o museu. O museu tem museólogo? É o profissional que é obrigatório dentro do museu. Não quer dizer que só tem que ter o museólogo; obviamente, não, mas o museólogo tem que fazer parte da equipe. Parte também do conselho fazer essa conscientização e de nós, profissionais, cobrarmos, denunciarmos pro COREM, porque muitas vezes “Ah, mas o COREM não foi lá”. Bom, mas no Paraná são 399 municípios; não sei quantos municípios tem em Santa Catarina. Mas uma equipe de cinco, seis conselheiros pra fiscalizar tudo isso é um trabalho muito gigante. Então a gente precisa também da colaboração do meio, do apoio dos profissionais.

Franciele | Do apoio da comunidade. Eu sempre costumo dizer que a função do museólogo, que é a salvaguarda dos museus, se não tem um museólogo dentro fazendo, alguém tá fazendo. Basta a gente verificar quem é e conversar com essas pessoas no sentido de orientar “Ó, você está fazendo exercício irregular de profissão. Isso não é correto”. Enfim, conversar com os contratantes pra eles contratarem o museólogo, principalmente esses museus, que são públicos municipais, precisam ter um museólogo nos quadros, precisa criar o cargo primeiro.

Letícia | E muitas vezes ocorre desconhecimento também. É claro que às vezes o poder, em se tratando do município, principalmente, tem aquela vontade... Lembro que um professor falava da vontade de museu, tem essa vontade de ter esse espaço, de brindar a comunidade com um espaço museológico, mas às vezes “Ai, vamos abrir o museu, tem um prédio lá, tem o acervo, não sei da onde, vamos fazer uma campanha de doação, vamos botar o fulano que está para se aposentar no museu e acaba não pesquisando o que que realmente é necessário pra abrir um museu: a criação de uma lei, um decreto, de quais profissionais realmente precisa... E aí que a gente vê muitos profissionais que acabam entrando no museu sem ter um preparo, mas com boa intenção. Só que a gente sabe que só boa intenção, infelizmente, não resolve. Mas é importante que a gente entenda que a gente tem que ser aliado dentro sistema, e que o sistema COFEM/COREMs é nosso aliado. E que a gente precisa caminhar junto. Eu sei que muitas vezes a gente não tem uma compreensão do todo, mas, como eu falei, vamos começar a fazer parte, vamos começar a procurar entender. Uma vez a gente encaminhou aquele e-mail tradicional sobre as anuidades e aí uma das respostas que eu tive foi “Ah, esse ano não tenho dinheiro para dar a contribuição.” Gente, anuidade não é contribuição; anuidade é uma obrigação. Então a gente vê que as pessoas fazem o registro e assinam o termo de compromisso e elas nem leem o termo de compromisso que elas assinam, para entender quais os deveres e quais os direitos perante o conselho. A gente tem direitos e a gente tem deveres.

Franciele | O dever de todos é pagar a anuidade e tirar CRT.

Letícia | Uma coisa é ser bacharel em Museologia, ou mestre, ou doutor em Museologia, e outra coisa é ser museólogo. É um título que te dá o direito de ser museólogo, mas não é automático; só com o registro no COREM a pessoa é museóloga. É importante frisar isso. E eu não tinha a noção disso. Eu me formei sem saber disso. E aí também a importância da aproximação do sistema com as universidades. Porque eu me formei achando que era museóloga, mas eu

não era. Era bacharel em Museologia e não sabia tanto. Tá lá no meu diploma “confere o título de bacharel em Museologia”; não confere o título de museóloga. A gente só pode se denominar museóloga com o devido registro no COREM. É importante frisar isto: o título de museólogo é privativo para quem tem o registro e está devidamente registrado. Eu acho que esse movimento vem mudando nas universidades, mas eu não tinha noção disso. Eu não tinha noção de muitas outras coisas. Eu digo que a vivência no COREM é um aprendizado. Eu entrei há quatro anos e todo dia eu aprendo uma coisa nova. Todo dia a gente tem um desafio novo. E isso é muito legal. A gente acaba aprendendo mais sobre a nossa profissão também.

Franciele | Sim, deixa eu te perguntar, se a gente pode aceitar o Marco Antonio, presidente do COFEM, que pediu para entrar na *live*. O que você acha? Podemos aceitar?

Letícia | Bora lá! Quando a pessoa for fazer *live*, vou entrar na *live* também, Marco. (risos)

Franciele | A *live* dele já foi, agora são outros museólogos. Não, mas se ele for fazer uma do COFEM...

Marco Antonio Ballester Junior | Tem uma situação que compete dizer do 5R, que muito nos alegra: a proximidade que a gente tem com os profissionais por sermos um COREM pequeno. Algumas coisas são mais tranquilas, mas a única coisa que eu quero dizer, e parabenizando vocês, é que teve um processo de continuidade, com todos os perrengues, ainda mais com a pandemia que nós tivemos em 2020 e 2021. E parabenizar vocês por essas *lives*. Eu acho que era legal vocês depois, não sei como é que [as *lives*] são disponibilizadas, porque eu não estou acompanhando isso, mas é importante.

Franciele | Fica disponibilizada aqui no Instagram mesmo. Quem não puder acompanhar, pode assistir depois.

Marco Antonio | A experiência que a Letícia está trazendo é que ela vem de outro estado, que é uma realidade também do 5R, essa migração de muitas pessoas; não são somente oriundos de uma universidade, de duas universidades, mas de outras realidades. Então é uma dinamicidade muito grande. Isso é importante. Parabéns a todos.

Letícia | A gente que agradece, Marco, porque, enfim, eu não sei se tu acompanhou quando eu comentei que tu que me puxou pra esse barco. [...] É um bate-papo, é uma conversa, bem informal. Então falei um pouquinho também da minha experiência como museóloga também antes de fazer parte do COREM, porque são duas realidades: quando a gente está do lado de cá do balcão e quando a gente está do lado de lá. E, gente, pra mim, a presidência foi uma das coisas mais gratificantes, ao mesmo tempo mais enlouquecedoras da minha vida. Mas eu pude ver que tem coisas que a gente primeiro tem que conhecer para depois criticar, para fazer uma crítica embasada mesmo, porque se não até o teu Ursinho de 1,99, se você aperta a barriguinha, ele fala eu te amo. Então, a gente precisa ter conhecimento de causa para poder ter propriedade para falar “Não, olha, eu estive lá dentro e realmente não tem condição, o pessoal não quer nada com nada, ninguém tá fazendo nada. Mas não foi o caso. O que eu vi e o que eu vejo é gente que dispõe do seu tempo, dispõe da sua saúde, de recursos próprios muitas vezes para fazer um trabalho para elevar e fortalecer uma profissão. Uma das

pautas que a Fran tinha colocado, não sei se vai ser a próxima coisa que ela vai perguntar, é sobre a união de classe. A nossa área é desse tamanho, se a gente for observar, e a galera fica numas disputas, numa coisa “Eu não gosto do fulano, então eu não vou concordar. Eu vou ir contra a gestão, eu vou ir contra...” Gente, não adianta, quem perde somos todos nós, né? Então venham e façam parte.

Marco Antonio | Na pior das hipóteses, se tu está gostando, tu entra e faz diferente.

Franciele | Eu costumo dizer que o mercado de trabalho não perdoa. Então o próprio mercado de trabalho faz a seleção dos museólogos que vão continuar, que conseguem trabalho. A gente sabe que tem pessoas que realmente não conseguem, por várias razões, enfim, às vezes vivem ou moram numa região que realmente não abre possibilidades, mas é no sentido daquilo que somos enquanto conselho, a importância de estar junto, de melhorar a situação toda do conselho e, na medida do possível, contribuir. Quando a gente faz um serviço aqui no conselho, é pra fortalecer a nossa área e, na medida do possível, estar abrindo o espaço do mercado de trabalho para todos. Lembrando que o 5R engloba Santa Catarina e Paraná. Então toda vez que abre uma contratação lá no Norte do Paraná, no Oeste de Santa Catarina, e a gente tem condições, a gente fica feliz e sabe que, em algum momento, teve a atuação do conselho de alguma forma. E tanto o Marco quanto a Letícia, que já foram presidentes do 5R, têm propriedade pra falar mais do que eu, porque eu estou no meu primeiro ano de gestão, para dizer o quanto é importante essa atuação do conselho nos museus, com os bacharéis, os museólogos...

Letícia | Com certeza, Fran. O Marco tá há mais tempo que eu nessa peleia aí, né, Marco? Bom, Fran, tu tá no teu primeiro mandato como presidente, mas, enfim, tu já passou por todos os cargos. Faltava coroar com a presidência. Tu já tinha sido vice, tesoureira, secretária, enfim, faltava a presidência. Então, gente, eu tive uma gestão marcada por muitos contratemplos, desde pessoal doente, eu doente, enfim, vocês acompanharam todos os bastidores, vocês sabem que, infelizmente, problemas pessoais nossos acabaram interferindo no andamento do conselho, principalmente no último ano. Mas eu acho que eu fico feliz de ter plantado várias sementes e de hoje elas estarem dando frutos. Diversas coisas que a gente conseguiu implementar dentro do conselho, por exemplo, uma coisa que ninguém a não ser a gente que está nos bastidores sabe, para assinar um documento... a gente sabe o que era fazer a ata de posse e fazê-la circular nesses dois estados para registrar no cartório, para não sei o quê, para mudar a conta no banco pro presidente e o tesoureiro assumirem a conta e poderem fazer pagamento. Era um terror, e a gente conseguiu implementar a assinatura digital, que a gente tem no mesmo dia tudo assinado. Nossa, lembro até hoje o dia que eu criei o Instagram e tinham lá zero seguidores. E hoje a Marcella vem fazendo os *posts*. Agora começaram essas *lives* pelos 40 anos da profissão, que eu achei muito bacana. Acho que isso tem que levar como hábito, fazer essas conversas, chamar profissionais, fazer uma *live* com um conselheiro falando, dando uma prestação de contas, sabe, das fiscalizações, uma vez no mês, uma vez a cada dois meses, três, enfim, uma por trimestre, mas acho que tem que virar um hábito, porque é uma ferramenta que todo mundo está usando, que é popular e pode funcionar. Não

sei, fazer um bate-papo, uma reunião ampliada. Acho que a gente tem que aproveitar essas facilidades que a tecnologia nos dá, muitas vezes nos complica também, mas aproveitar o lado bom de tudo isso. A gente já vê tanta coisa absurda por aqui, então vamos usar a nosso favor.

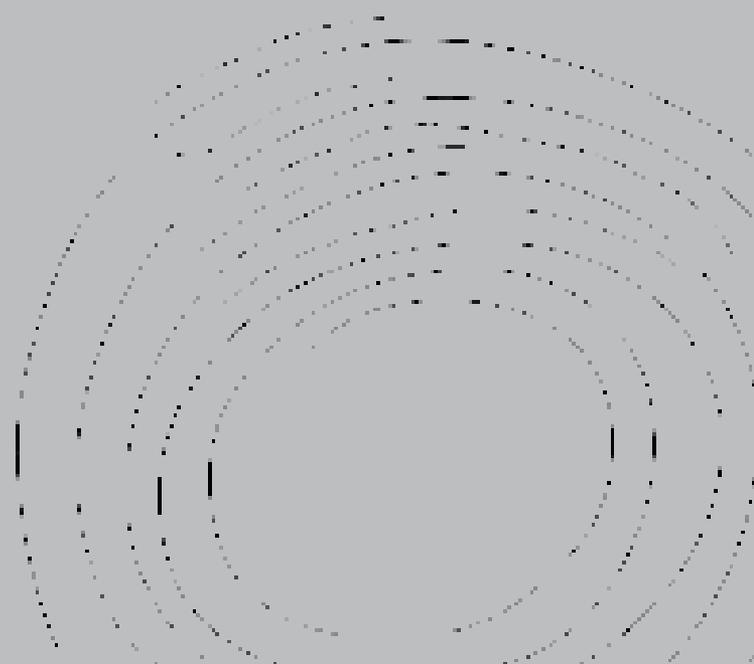
Marco Antonio | A pandemia que nos obrigou a fazer tudo isso de forma virtual...

Letícia | Ah, mas eu lembro que o 5R já tava no Skype, ó, antes da pandemia... (risos). Sim, porque galera no Paraná, galera em Santa Catarina, a Fran em Chapecó, o Marco em Itajaí, eu aqui em Foz, a Angela [Paiva] em Floripa, a Clarete [de Oliveira Maganhotto] em Curitiba, e a gente se reunia pelo Skype. E, inclusive, fazendo menção à Clarete, lembrar que ela foi por muitos anos membro e presidente, foi uma pioneira dentro da Museologia aqui no Paraná. Se a gente tem o curso hoje aqui na UNESPAR, na universidade estadual, a Clarete fez parte, e o 5R também na criação do curso. É importante a gente lembrar, pois ela foi uma pessoa que lutou por anos pra criação do curso. No final de 2022, a gente colocou em pauta na medalha de mérito museológico, a gente conseguiu trazer a medalha pra UNESPAR. Enfim, eu lembro que 2022 foi um ano bem turbulento, e a gente terminou ele com o presidente do COFEM do 5R e com a medalha aqui pro curso. Foi uma loucura, mas são essas pequenas vitórias que dão o gás que a gente precisa pra continuar.

Marco Antonio | Vai ser meu último ano também como... eu também tô meio que me aposentando nessa questão de estar junto dos conselhos, até mesmo porque chega um momento que algumas coisas têm que ser passadas pros outros, mesmo que os outros não queiram, mas tem que passar. E quando eu saí e a Letícia ficou pra encerrar essa função [inaudível]. A minha saída do 5R [inaudível]... Aí acabei indo pra presidência e isso pra mim foi muito [inaudível].

Franciele | Sim, Marco, então eu agradeço, sempre, a tua participação, a participação do COFEM. Ter sempre o COFEM aqui junto para nos dar uma segurança. Lembrando que o Marco foi presidente aqui no 5R durante muito tempo. Agora ele está na presidência do COFEM. Então muito nos orgulha. Eu sempre digo isso, porque sempre vai ser um momento de orgulho pra nós, como pessoas que se formaram e se registraram no 5R. Marco, se tiver alguma coisa pra falar...

Marco Antonio | Da minha parte também agradeço.



Franciele | Gostaria de encerrar aqui, tem mais algumas perguntinhas, acho que você pode responder.

Letícia | Podemos fazer um bate-papo com a galera. Não sei se alguém tem uma pergunta...

Franciele | Na verdade, eu tenho mais algumas perguntas, mas são perguntas tranquilas. Hoje, quem é a profissional Letícia? Tens mais algum sonho na tua profissão que tu gostaria de realizar que não realizou? Gostaria de revelar, compartilhar conosco, com quem está assistindo?

Letícia | Olha, eu acho que a profissional Letícia é alguém que ama muito o que faz. É alguém que hoje se divide entre a profissão, a maternidade e a vida pessoal. Alguém que se dedicou muito no início, pra que hoje pudesse também se dedicar à família, né? E eu acho que alguém que tem como desejo que o sistema COFEM/COREMs se fortaleça, que a gente tenha profissionais valorizados, com remuneração justa, não só, claro, que pros museólogos, mas já que estamos aqui falando de Museologia... E que a gente tenha abertura do mercado de trabalho, porque uma coisa que eu vi muito na presidência é realmente essa aflição, essa incerteza dos estudantes, dos recém-formados, no que tange à inserção no mercado de trabalho. Então é alguém que está no COREM querendo contribuir para que realmente a gente tenha uma abertura do mercado de trabalho, uma ampliação do mercado de trabalho, pra que não fique essa incerteza sobre o amanhã pros estudantes, que as pessoas entrem na graduação sabendo que vai ter um mercado aquecido, que vai ter um mercado que vai absorver a grande maioria desses profissionais. E acho que, principalmente, se desse pra resumir em uma frase, alguém que ama o que faz, que ama a sua profissão.

Franciele | Sim, é muito bacana ter esse retorno teu. A gente sabe da tua atuação no Ecomuseu de Itaipu. Então a última pergunta é: gostaria de deixar alguma mensagem pros estudantes, pros bacharéis, pra alguém aqui na *live* que tá assistindo ou vai assistir, que tem interesse em cursar Museologia. Enfim, alguma dica.

Letícia | Olha, acho que eu vou deixar uma mensagem parecida com que a professora Maria Letícia falou no primeiro dia de aula: “Vocês estão entrando numa batalha, numa guerra”. E é um desafio, porque a gente sempre vai ter a nossa importância questionada. Muita gente acha que o que a gente faz não tem valor. A gente encontra muita descredibilidade, mas muito fruto de incompreensão do que é o nosso trabalho. E aí que a gente também precisa combater isso, mas eu acho que temos ainda um longo caminho para percorrer, e só vai percorrer e chegar num objetivo com essa união mesmo da classe. E meu recado é “Somem, abracem tudo o que vocês puderem abraçar na graduação, projeto de estágio, projeto de extensão, projeto de pesquisa.” Isso faz diferença, sim, quando a gente vai entrar no mercado de trabalho e isso faz diferença, sim, no profissional que a gente vai ser. Então abracem todas as oportunidades. Eu sei que tem muita gente que precisa trabalhar pra poder se manter no curso, para poder se manter na universidade. Então também se engajem no movimento estudantil para que as universidades continuem com as políticas de permanência, para que a universidade ajude a combater a evasão. O caminho é este: é a gente lutar pelos nossos direitos, a gente se engajar e enxergar que, enfim, sozinhos numa ilha, a gente não vai

construir nada. [...] A gente precisa estar unido, porque, se a gente for brigar contra a gente mesmo, quem vai defender a Museologia?

Franciele | Acho que se dedicar a tudo dá frutos. Eu costumo dizer isto: é família, é relacionamento, é amizade, tudo o que a gente se dedica e faz com amor dá frutos. E os frutos sempre vêm para somar. A pessoa que não se dedica nada cresce. Então novamente agradecer. Se alguém quiser perguntar alguma coisa, se puder novamente fazer a pergunta.

Letícia | Eu vi vários comentários, mas nenhuma pergunta. Mas se alguém tiver alguma pergunta, gente... O Saulo comentou bastante aqui, interagiu bastante. Bom, gente, parabenizar o pessoal.. Obrigada por vocês ficarem ouvindo a gente durante uma hora e meia.

Franciele | As *lives* eram pra durar uma hora, mas eu não consigo ficar só uma hora (risos)...

Letícia | É que é um bate-papo mesmo.

Franciele | A intenção é ouvir o profissional museólogo para que ele fale da sua experiência, porque a gente escuta muito isso “Ah, o COREM só entra em contato com os museólogos para cobrar”. Não, gente, estamos dando espaço para os museólogos falarem sobre a sua atuação, sobre a sua vida em geral.

Letícia | Sim. E eu acho que, como o Marco falou, eu sou uma das pessoas que faz parte desse movimento dos que vieram de fora da região, porque não sou nem de Santa Catarina, nem do Paraná. E também isso dá uma outra dimensão, porque a gente vê que que é um fenômeno que acontece muito na nossa área: a gente tem que se deslocar muito pra ir atrás do trabalho. Ficando na cidade que a gente se formou, infelizmente, é muito difícil. Então acho que a outra coisa que eu diria pros estudantes ou pros recém-egressos, além de fazerem o seu registro, é “Se preparem pra fazer esses movimentos.” Uma coisa que é fundamental para quem quer atuar na área é não ficar pensando só no nicho, só numa região. Gente, mete a cara, mete o pé na estrada. Eu sei que é difícil, eu sei que muita gente às vezes não tem condição, mas organiza vaquinha com a família, sei lá... Enfim, eu digo para vocês que a minha passagem pra Foz do Iguaçu pra vir fazer concurso, eu vim de ônibus e parcelei em dez vezes, mas são investimentos que a gente faz na gente. Não vou romantizar. Sei que não é a realidade de todo mundo, que às vezes nem parcelando em dez vezes, mas é uma profissão em que são necessários esses movimentos. Então é importante frisar que é importante às vezes ir longe pra buscar alguma coisa. No meu caso, foram mais de 1.000 km.

Franciele | Sim, que bom que você conseguiu se consolidar na sua carreira em Foz; são sete anos, como você mesma falou. Enquanto COREM, eu estive contigo durante um bom tempo, com você na presidência, e gostaria de agradecer novamente por você aceitar o nosso convite para falar um pouco sobre você, sobre a sua atuação e formação. E lembrar a todos que nós estamos este ano, 2024, fazendo 40 anos de regulamentação da nossa profissão. Então é o ano de nós, museólogos, tomarmos o nosso espaço dentro dos museus e dar também a cara à tapa, no sentido de estar conversando às vezes com alguma pessoa importante, ou uma pessoa que possa contratar um museólogo, ou possibilitar

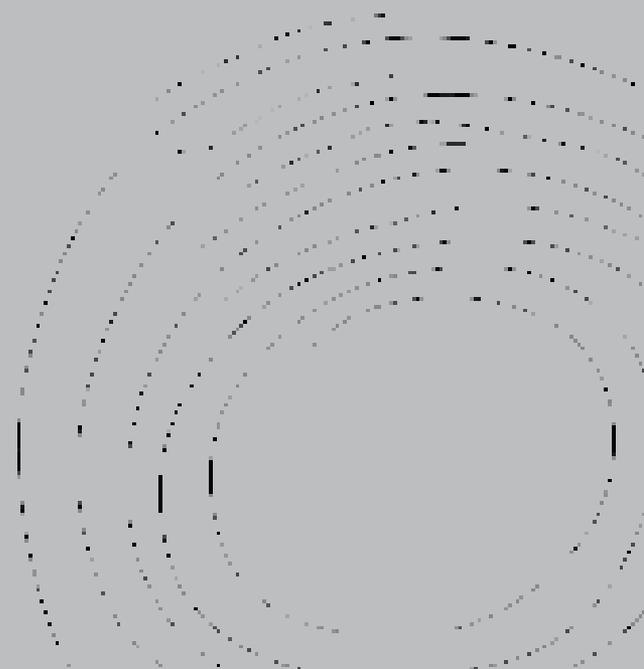
o diálogo, mas eu acho que é muito isto, é dar a nossa cara à tapa. Lembrar também que essas *lives* são uma ação do COREM 5R em alusão à programação dos 40 anos do sistema COFEM/COREMs e à regulamentação da nossa profissão. Agradecer a todos que puderam participar, que prestigiaram e lembrar que mês que vem nós vamos ter uma nova *live* com um profissional aqui de Santa Catarina. A nossa ideia é sempre intercalar alguém de Santa Catarina com alguém do Paraná. Agradecer a presença do presidente do COREM da 1ª Região, o Saulo, que nos prestigiou. Agradecer a presença da professora Jackelyne [Corrêa Veneza], coordenadora do curso de Museologia da UNESPAR e, enfim, agradecer a todos que puderam assistir. Lembrar que a *live* vai estar disponível para quem quiser assistir depois. Leticia, mais alguma fala, algum comentário? Quer dar um tchau?

Leticia | Agradecer mais uma vez o convite, parabenizar o 5R pela iniciativa, parabenizar todos os profissionais pelos nossos 40 anos, comemorados em dezembro, de reconhecimento da profissão. Enfim, fica a provocação para que continuem essas *lives*. Acho que ano que vem, de repente, *lives* sobre os museus da região... Dá para abordar várias temáticas... e dizer que estou à disposição. Inclusive, a gente aqui não teve uma pergunta, mas depois se alguém precisar fazer algum contato, mesmo que não seja do Oeste, ou não seja do 5R, mas, enfim, a gente está à disposição para auxiliar e mais uma vez mandar o meu abraço e minha solidariedade para Aline, presidente do 3R, vítima da enchente, e também para todos os museólogos do 3R, pra todo o Rio Grande do Sul, minha terra. Tô muito triste com tudo o que tá acontecendo e espero que em breve a gente possa estar comemorando a reconstrução do estado.

Franciele | Sim. Queres deixar algum contato, algum e-mail?

Leticia | Pode passar o meu Instagram @leticia.museo e o meu e-mail leticiaacosta88@gmail.com, mas talvez fique mais fácil se alguém tiver na *live* e fique mais fácil aqui pelo meu Instagram. Ou também tem os contatos do Ecomuseu de Itaipu, bem fácil me encontrar, no Google... Obrigada, uma boa noite para todas e todos que tiveram paciência de nos ouvir.

Franciele | Até a próxima *live*, mês que vem, em junho. Boa noite a todos.



Conselho Regional de Museologia 5ª Região PR/SC

O Conselho Regional de Museologia da 5.ª Região – COREM 5R, que compreende os estados de Santa Catarina e Paraná, é uma autarquia de caráter fiscalizador e orientador do exercício da profissão de museólogo, conforme previsto na Lei n.º 7.287/1984 e regulamentado pelo Decreto n.º 91.775/1985.

Exerce um papel fundamental na valorização e no fortalecimento da profissão de museólogo na região sul do Brasil, assegurando que as atividades museológicas sejam conduzidas por profissionais devidamente registrados, regulares e comprometidos com a ética profissional e com os parâmetros técnicos estabelecidos. A abrangência territorial do COREM 5R engloba uma região caracterizada por sua rica diversidade cultural, histórica e patrimonial.

O Conselho Regional de Museologia da 5.ª Região – COREM 5R, que compreende os estados de Santa Catarina e Paraná, é uma autarquia de caráter fiscalizador e orientador do exercício da profissão de museólogo, conforme previsto na Lei n.º 7.287/1984 e regulamentado pelo Decreto n.º 91.775/1985.

Exerce um papel fundamental na valorização e no fortalecimento da profissão de museólogo na região sul do Brasil, assegurando que as atividades museológicas sejam conduzidas por profissionais devidamente registrados, regulares e comprometidos com a ética profissional e com os parâmetros técnicos estabelecidos. A abrangência territorial do COREM 5R engloba uma região caracterizada por sua rica diversidade cultural, histórica e patrimonial.

Os estados de Santa Catarina e Paraná contam com expressivo número de museus, espaços de memória e instituições culturais que desempenham papel essencial na preservação e promoção do patrimônio material e imaterial. Nesse contexto, o conselho torna-se um agente estratégico na articulação entre profissionais, instituições e sociedade civil.

Entre suas principais atribuições, estão o registro e a fiscalização do exercício profissional, o zelo pelo cumprimento do Código de Ética Profissional do Museólogo, bem como a promoção de ações orientativas e educativas voltadas ao fortalecimento da Museologia como campo científico e profissional. O COREM 5R também atua como instância consultiva e propositiva com órgãos governamentais e entidades da sociedade civil.

Ao assegurar a qualificação técnica dos profissionais e a observância das normas éticas e legais, contribui diretamente para a preservação, valorização e difusão do patrimônio cultural da região, promovendo uma Museologia comprometida com a legislação brasileira, com a responsabilidade social e solidária, com a sustentabilidade e com o fortalecimento das identidades locais.

Dessa forma, o Conselho Regional de Museologia da 5ª Região reafirma seu compromisso institucional com a sociedade, com os museólogos e com a proteção e valorização do patrimônio cultural nos estados de Santa Catarina e Paraná.

SITE

www.corem5r.org.br

INSTAGRAM

[@corem5r](https://www.instagram.com/corem5r)

E-MAIL PRESIDÊNCIA

presidente.corem5r@gmail.com

E-MAIL SECRETARIA

contato@corem5r.org.br

E-MAIL TESOUREARIA

tesourariacorem5r@gmail.com

ENDEREÇO COREM 5R

Av. Mauro Ramos, 1344 - Centro
Florianópolis/SC CEP: 88020-302

WHATSAPP COREM 5R

48 9 9994.5855